

## O Retrato da Lenda - Fotojornalismo e Mistério no Imaginário Farroupilha<sup>1</sup>

Andriolli de Brites da Costa<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### Resumo

Investigando a cobertura de mitos e lendas pelo jornalismo, percebemos que uma questão ainda carecia de ser debatida: como se dá a produção de fotografias jornalísticas para essa temática? Quais as racionalidades operantes ao retratar este objeto, hesitando entre as pressões do campo - tais como objetividade e critérios de noticiabilidade - e o encantamento pertinente ao lendário representado? Buscamos na série de reportagens “Imaginário Farroupilha”, publicada ao longo de uma semana pelo Zero Hora em setembro de 2014, caminhos para responder a estas perguntas. Encontramos nessas fotos a recorrência de elementos composicionais e simbólicos da ascensão e da contradição, com foco na no local – e não em pessoas - em face ao duplo desafio de tratar do inefável com a linguagem jornalística sem não diminuir a potência de mistério das lendas.

### Palavras-chave

Fotojornalismo, Imaginário, Folclore, Lendas Gaúchas

### 1. Introdução

Durante os últimos anos, temos investigado como se dá a cobertura jornalística de acontecimentos envolvendo mitos e lendas do imaginário popular (COSTA, 2014, 2013, 2012). Como fruto destas reflexões, percebemos que existem determinados fatores que permitem ao jornalismo hegemônico tradicional, filho da modernidade – e, portanto, ainda carregado de preceitos iluministas como o empirismo, a verificação e a factualidade – abrir espaço vez ou outra para manifestações de um universo sensível e do inefável. Este artigo parte para uma segunda instância nesta investigação, interessando-se por outro aspecto do campo: o fotojornalismo.

A partir do momento em que o lendário foi pautado, como ilustrá-lo? Se a cobertura de mitos e lendas tensiona os limites do próprio jornalismo no que diz respeito a suas lógicas operantes, de que modo tais temas tensionamentos também a produção de fotografias? De quais recursos o fotógrafo de diário lança mão para produzir um “retrato da lenda”? Para tentarmos entender os modos de funcionamento dessa fotografia, elegemos a série de sete reportagens Imaginário Farroupilha, publicada em 2014 pelo jornal gaúcho

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, Mídia e Interculturalidade, XVI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutorando do programa de pós-graduação em Comunicação e Informação da UFRGS. Bolsista Capes.  
[andriolli\\_costa@hotmail.com](mailto:andriolli_costa@hotmail.com)

Zero Hora. Produzida ao longo de dois meses pelo repórter especial Nilson Mariano e pelo fotojornalista Carlos Macedo, a reportagem percorreu o interior do Rio Grande do Sul visitando lugares “misteriosos, encantados, malditos e assombrados que atizam a imaginação dos gaúchos” (MARIANO, 2014a).

Vale ressaltar que todas as matérias da série foram publicadas com mais de uma foto cada. No ambiente online, sem limitação de espaço como no jornalismo impresso, algumas matérias incluíam até mesmo galerias com dezenas de fotografias. O que nos interessa, no entanto, são os processos e racionalidades que envolveram a escolha por uma singularidade descritível da lenda, que coubesse em um único clique: a imagem da capa. Esse é um enquadramento<sup>3</sup> que deve ser capaz de transmitir informação – como exige a atividade fotojornalística – mas também a poética e o mistério pertinentes ao objeto retratado.

Primeiro relacionamos os campos de estudo do jornalismo e do imaginário, apontando os motivos para a recusa do invisível na modernidade e localizando as discussões sobre fotojornalismo, com suas aproximações e afastamentos em relação aos dilemas próprios do jornalismo. A segunda parte reflete sobre quais variáveis permitem sua cobertura pela imprensa e explica algumas das características que as lendas adquirem quando adentram no discurso jornalístico. Em seguida, descrevemos as reportagens e suas fotografias, por fim, reunimos as análises acerca das opções estético-discursivas do *corpus*.

Para discutirmos como se dá a produção de sentido a partir das fotografias jornalísticas de mitos e lendas – fenômenos que existem na dimensão do inverificável – lançamos mão da metodologia própria dos estudos do imaginário, uma primeira aproximação de uma leitura mítica. Assim, discutimos as relações entre composição em fotografia, os entrelaçamentos entre imagem e fotografia e questões bastante caras aos estudos do fotojornalismo e do imaginário, como a representação e a narrativa visual que abre espaço para um trajeto imagético.

## **2. Jornalismo e reminiscências da modernidade iconoclasta**

As racionalidades que habitam o jornalismo hegemônico contemporâneo – aquele produzido pelas grandes empresas e conglomerados de mídia – estão impregnadas da herança iconoclasta da modernidade. Sabemos, é claro, que a lógica produtiva do jornalismo em ambiente virtual, com toda sua agilidade e liberdade de difusão, não é a mesma que a do jornalismo impresso de décadas atrás, quiçá de dois séculos no passado.

---

<sup>3</sup> Enquadramento aqui, serve quase como uma metáfora do termo para a fotografia. O *framing* é o viés, a janela através da qual enxergamos os acontecimentos a serem retratados.

Entretanto, por mais que lógicas diferentes de produção se apliquem a diferentes plataformas, as discussões sobre critérios de seleção e de elaboração dos materiais noticiosos segue o mesmo caminho tanto no jornalismo impresso quanto no online. Estes valores que se arraigaram na cultura profissional do jornalismo, e que permanecem vigentes até os dias de hoje, tiveram seu surgimento e consolidação ainda no contexto da revolução científica do final do século XVIII. Muito além de isto ser algo positivo ou negativo, é certamente uma característica com consequências que devem ser abordadas aqui.

Após o chamado “século das luzes” e as revoluções industriais na Europa ocidental, o paradigma do progresso e a racionalidade científica se espalharam por diversas instâncias da sociedade, das artes à filosofia. Schudson relembra que, ainda no final do século XIX, “[...] muitos jornalistas eram ou treinados em disciplinas científicas ou compartilhavam uma admiração comum pela ciência” (1978, p. 72). Esse racionalismo analítico, filiado ao método cartesiano, se expande pelo meio acadêmico a ponto de produzir um novo tipo de senso comum da ciência, o que Morin chama de paradigma simplificador (MORIN, 2011, p. 58-59).

Em busca de nova legitimação, o jornalismo encontrou na aproximação com o discurso das ciências um horizonte de possibilidades e desenvolveu sua linguagem inspirada em “gramáticas comuns” também entre as metodologias de pesquisa do conhecimento científico (MEDINA, 2008, p. 18). Isto porque o real como objeto de conhecimento frequenta a oficina das ciências tal qual o faz na oficina jornalística (MEDINA, 2008, p. 19). Não obstante, ambos os profissionais “[...] trabalham com a mediação da realidade, alcançada por meio da apuração e da investigação dos fenômenos” (SPONHOLZ, 2009, p. 20).

Há um rigor peculiar ao método científico que era necessário ao jornalismo para seu pleno desenvolvimento na potência que viria a ser no século XX. Entretanto, também não podemos fechar os olhos para os efeitos colaterais intrínsecos a este processo. Afinal, ao se aproximar de gramáticas oriundas das ciências, o jornalismo incorpora suas virtudes, mas também seus vícios. Um destes vícios é uma característica já mencionada anteriormente: o iconoclasmo.

Com o cenário do pós-Segunda Guerra na Europa e uma série de movimentos sociais e descobertas científicas, irrompe-se no cenário acadêmico a crise de paradigmas. Gilbert Durand desenvolve os estudos do imaginário – hoje melhor situada na corrente antropológica – na esperança de revalorizar o estatuto da imagem no Ocidente. Isto é, para

Durand, fundador da Teoria Geral do Imaginário, a imagem nem sempre foi essa que nos habita hoje. Ele apontou, por diversas vezes em seus escritos, os movimentos iconoclastas que se desenrolaram ao longo do tempo nas sociedades ocidentais (DURAND, 1995, 1997, 1998). O lastro desta “aversão às imagens” pode ser encontrado desde o catolicismo ortodoxo – em sua recusa a adoração de ídolos - até a ideologia renascentista e a ciência moderna.

Para Durand, o modo de pensar a verdade no Ocidente segue uma herança socrática que, fundada em uma lógica binária, institui que as coisas são ou falsas ou verdadeiras (DURAND, 1998, p. 9). Como a pluralidade das imagens mentais escapa a esse binarismo, o imaginário e seus processos, produtos de uma “casa de loucos” (DURAND, 1998, p. 13), são marginalizados dos processos intelectuais em favor de uma lógica racionalista, empirista e factual.

Embora, por um lado, tenha sido a lenta erosão do papel do imaginário na filosofia e epistemologia do Ocidente que possibilitou o impulso enorme do progresso técnico, por outro, o domínio deste poder material sobre as outras civilizações atribuiu uma característica marcante ao "adulto branco e civilizado", separando-o, assim como sua "mentalidade lógica", do resto das culturas do mundo tachadas de "pré-lógicas", "primitivas" ou "arcaicas". (DURAND, 1998, p. 15).

Durand lembra-nos que é do casamento entre a factualidade dos empiristas e o rigor iconoclasta do racionalismo clássico que nasce, no século XIX, o positivismo – de que nossas pedagogias são ainda tributárias. Esta corrente de pensamento colocava o imaginário, os mitos, o sensível e o simbólico como estágios primitivos do pensamento. Como estruturas provisórias e incompletas, que precederiam, por fim, o pensamento científico (DURAND, 1995, p. 244).

Como a principal técnica visual do jornalismo, o fotojornalismo não fugiu das premissas da modernidade. Para além de outros recursos como a charge, o cartum e os próprios elementos gráficos característicos da imprensa como retrancas, manchetes e olhos, a fotografia é o principal recurso para produção de uma narrativa visual no jornalismo. O próprio desenvolvimento da tecnologia fotográfica se dá neste mesmo cenário do desenvolvimento da modernidade. As descobertas da química se juntam às antigas técnicas da óptica somente quando o contexto social pede pela elaboração de uma nova tecnologia (BARROS, 2010, p. 214).

A partir do século XIX, a fotografia traduz uma maneira moderna de olhar para e de, logo, também estar, no mundo (ROUILLÉ, 2009, p. 39). É a modernidade do olhar

traduzida no modo de produção fotográfico: olhar para o mundo mais diretamente e não através do intermédio evidente da mão dos pintores. É neste abismo criado pela síndrome de Jó de um Ocidente iconoclasta, que privou homens da experiência da imagem, que o jornalismo ajuda a recriar um “ver para crer”, e a fotografia adentra as páginas da imprensa com o estatuto de notícia.

### 3. A lenda nas páginas do jornal

Muito embora o fantástico não seja, por definição, passível de comprovação e verificação científica, ele permanece uma pauta eventual no jornalismo – mesmo esse hegemônico que ainda pronuncia-se bastante filiado às normas da objetividade discursiva. As notícias do fantástico tencionam o jornalismo até seus próprios limites. A simples presença destes elementos nas páginas de um jornal ou na tela da televisão representa, por si só, um desvio do padrão. Um desvio que exige, pois, posturas e racionalidades diversas para que possamos compreendê-las dentro do *habitus* jornalístico.

Tanto na imprensa escrita quanto na audiovisual é preciso dar a ver. Assim, [na cobertura sobre mitos e lendas] a dificuldade de obter imagens para cobrir as narrações em off na televisão, ou de fotos para acompanhar a diagramação de uma matéria em um veículo impresso, leva ao abuso da utilização de trechos de obras cinematográficas ou ilustrações, o que muitas vezes reforça seu tom jocoso ou ficcional (COSTA, 2013, p. 29).

Devido a tantas dificuldades na produção noticiosa cotidiana, na atitude de vigilantes da objetividade, os jornalistas evitam o inefável (MOTTA, 2006, p. 9), reportam-se a fatos concretos, resumem o mundo a cinco questões suficientemente pungentes<sup>4</sup>. No entanto, a construção de narrativas sobre o real, tarefa da qual se ocupa o jornalismo, “[...] é operação realizada por sujeitos sobre os quais incidem coerções sociais e pulsões subjetivas” (DE CARLI; BARROS, 2015, p. 18). Na perspectiva de Durand (1997), o resultado dessas dinâmicas é a formulação de imagens simbólicas que, a partir da racionalização, resultam em práticas culturais diversas. Isso porque as comunicações são verdadeiras fábricas de imagens, elas dão materialidade à instância simbólica do homem, são veículo do imaginário (BARROS, 2013, 27).

Os mitos e lendas, neste contexto iconoclasta do jornalismo industrial hegemônico, encontram espaço na mídia geralmente nos espaços de ficção. São os cadernos de cultura que tratam sobre as produções literárias, os encartes históricos sobre antigas lendas das

---

<sup>4</sup> O *lead* jornalístico tradicional contempla as respostas para “quem”, “o que”, “onde”, “quando”, “por quê” e “como”.

idades que explicam algum nome de bairro, ou ainda, os artigos de opinião que se valem do fantástico como metáfora.

Existem, entretanto, válvulas de escape pelos quais mitos e lendas encontram seus caminhos no jornalismo tradicional. A seguir, abordaremos como ocorrem essa penetração do lendário a partir dos enquadramentos pertinentes à própria lógica da cobertura jornalística: A) o insólito, B) a normalização, C) a moldura erudita, D) o agendamento.

Quando são tomados como fatos, e não como recursos literários, os mitos e as lendas, em sua grande maioria, ganham as páginas dos jornais devido ao valor-notícia<sup>5</sup> do exotismo. São os chamados *faits-divers*, notícias de variedades que chamam atenção pela característica pitoresca do acontecimento. Motta (2006, p. 10) ressalta que normalmente estas publicações costumam ser escritas de forma irônica ou como deboche. É comum também que o veículo recorra a estudiosos para explicar os acontecimentos cientificamente, esvaziando-os de suas significações epifânicas (2006, p. 9). Dar aos fenômenos suas causas, consequências ou apontar suas contradições e inverossimilhança, é um serviço de informação dada pela imprensa que, apesar de adicionar mais elementos à análise da situação, pode acabar desqualificando qualquer transcendência conferida ao tema por parte daqueles que creem no fenômeno como legítimo. Ou ainda, essa postura pode conceder ao jornalista um posicionamento que o afasta e o superioriza em relação ao seu público leitor. Por ter acesso a diferentes fontes de informação, o jornalismo teria condições mais legítimas para explicar os fatos de maneira mais verdadeira do que os falatórios populares e, em alguns casos, milenares de certa região.

No entanto, é possível também que histórias lendárias sejam tão constitutivas da cultura de uma região, que o jornalismo não se atreva a contestá-las. O lendário é noticiado, então, por estar presente em diversas instâncias da sociedade, pelo valor da normalização. Por exemplo, no Paraguai, são tão comuns histórias envolvendo um gigantesco tesouro escondido – protegido por espíritos e destinado apenas aos escolhidos – que o foco para o tratamento da lenda deixou de ser o *que* acontece para focar *como* acontece no *lead* da notícia (COSTA, 2013, p. 13). Uma vez que a lenda escapa da variável do exotismo, o acontecimento torna-se noticiável não porque os envolvidos acreditam de fato em tesouros escondidos, mas porque as consequências dessa crença são muito reais e compartilhadas pela sociedade. Roubo, mortes, invasões. É isso que permite encontrarmos menções a

---

<sup>5</sup> Motivos, temáticos ou contextuais, pelos quais algo é tido como relevante o suficiente para ser noticiado.

tesouros lendários em qualquer *hard news* paraguaio e não apenas nos cadernos de cultura (COSTA, 2013, p. 80).

Mitos e lendas são parte da chamada literatura oral, um braço da cultura popular de um povo. E essa relação direta entre o povo e suas manifestações culturais, em si, pouco interessam ao jornalismo tradicional. A professora Amparo Tuñón (1990, p 29), ao analisar a construção de mitos a partir de acontecimentos culturais nas notícias, percebe como o domínio do texto sobre a imagem, da razão sobre a sensação, e da busca de sentido sobre o noticiável demonstram sinais de respeito à cultura escrita, formal e factual, associada diretamente à alta cultura. De maneira semelhante, a jornalista Lena Frias, que foi editora do primeiro caderno cultural do Brasil, criticou uma perspectiva dominante na cobertura jornalística brasileira:

Cultura popular, folclore, manifestações populares, tudo isso é coisa antiga, baixa cultura. Entra na mídia se contar com uma moldura erudita, se interessar dramaturgicamente, se contar com o aval de alguma opinião midiática, de alguma personalidade ou artista (FRIAS, 2004, p. 68).

Apontamos, então, para a “moldura erudita”, a terceira porta de entrada para mitos e lendas nas páginas do jornal. Caso o acontecimento noticiado se tratasse de uma mulher que afirma ter sido atacada por um lobisomem<sup>6</sup>, o valor-notícia predominante é o do insólito e a abordagem é irônica. Por outro lado, se fosse produzido um documentário sobre a crença em lobisomens, uma peça de teatro retratando os ataques, livros de causos ou variações semelhantes, a abordagem seria completamente diferente. Uma explicação possível é que os veículos normalmente recebem *releases* de editoras, produtoras e distribuidoras, que são publicados com pouca ou nenhuma alteração – transmitindo, portanto, a mensagem comercial do produto, que é inspirado no universo lendário. Ou melhor, a partir do momento em que é apropriada pela indústria cultural, a lenda é fixada em formatos estanques. Abandona, portanto, a hesitação e a imprecisão, que justamente caracterizam-na no cotidiano das comunidades, que permite ao imaginário popular transitar, sem muito rigor, através dos tempos e das constantes atualizações exigidas pela cultura. O jornalismo precisa resumir o assunto e toma o inefável como fato, inevitavelmente podando suas arestas e privando-lhe das incoerências internas próprias dos mitos e lendas.

O lendário pode habitar o jornal por um motivo ainda mais simples: o agendamento. São pautas cuja motivação não é a ocorrência de um fenômeno, mas uma data

---

<sup>6</sup> Ver *Jovem do RS afirma ter sido atacada por 'lobisomem'*, publicada pelo G1RS em 13/02/2009. Disponível em <http://bit.ly/g1lobisomem>.

comemorativa. No Brasil, o vasto folclore não perdoou o calendário católico e gregoriano: pelo menos dois dias ultrapassam as fronteiras regionais: 31 de outubro, data que alguns municípios instituíram como Dia do Saci, e 22 de agosto, o Dia do Folclore. Justamente por poderem ser planejadas com antecedência, as pautas relativas a essas datas especiais são momentos em que parecem reportagens mais aprofundadas, que atravessam o exótico e o irônico e entram na discussão a respeito de identidade cultural, pertencimento e resgate histórico.

Os estudos folclóricos que se ocupam das narrativas da chamada literatura oral, a grande diferença entre mitos e lendas está no fato de que as lendas são necessariamente geolocalizadas. É que o lendário conserva uma essência permeada pela imaginação e pelo subjetivo, mas apresenta necessidade de fixação geográfica, de vínculo com algum episódio histórico ou com parte da biografia de um herói. A lenda pode ser definida, portanto, como “[...] episódio heroico ou sentimental, com elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo” (CASCUDO, 2000, p. 328). Ou ainda, uma narrativa imaginária, mas que possui raízes na realidade objetiva (CARVALHO NETO, 1977, p. 132). Assim, pela via da historicidade, a lenda encontra modos de ser representada e contextualizada durante estas datas comemorativas.

No Rio Grande do Sul, este é o caso da Semana Farroupilha. O 20 de setembro, data da entrada do exército Farroupilha em Porto Alegre, marca o início da Guerra dos Farrapos em 1835. A insurreição, que foi a mais longa e uma das mais sangrentas da Regência, envolveu peões e estancieiros num ideal separatista e republicano que até hoje se sente vigorar no pensamento político gaúcho<sup>7</sup>. Motivada principalmente pela insatisfação da oligarquia rural da região com as tributações sobre o charque e erva-mate cobradas pelo império, a guerra logo ganhou ares separatistas dando origem à República Rio-Grandense: um Estado-Nação não reconhecido pelo governo imperial. Dada a importância identitária deste episódio para a população gaúcha<sup>8</sup>, as comemorações se estendem ao longo de uma semana e por vezes os eventos duram todo o mês de setembro. Ocorrem diversas atividades culturais em todo o estado, várias encabeçadas pelos Centros de Tradição Gaúcha (CTGs). Uma das mais tradicionais é a transformação do Parque da Harmonia em Porto Alegre no

---

<sup>7</sup> A Guerra dos Farrapos termina em 1º de março de 1845, já no período do Segundo Reinado. Suas lideranças maçons e seu brabo “O centro explora o Sul” se fez sentir nos movimentos liberais de São Paulo e praticamente colou-se à história do Império (SCHARCZ; STARLING, 2015, p. 261).

<sup>8</sup> O hino do estado do Rio Grande do Sul, oficializado em 1933, durante os preparativos para o “Centenário da Revolução Farroupilha”, é um poema sobre o episódio.



Acampamento Farroupilha, com direito a casas oficiais de diversos órgãos do governo e da imprensa, churrasco de fogo de chão, danças típicas e brigas e mortes por lutas de facas. Estima-se que quase um milhão de pessoas visite o evento por edição<sup>9</sup>.

Tamanha movimentação não passa despercebida pela imprensa, que aproveita a data para retomar elementos tradicionais da identidade gaúcha. Em 2014, o jornal da maior empresa privada de comunicação da região Sul, Zero Hora, enviou dois repórteres para seis cidades que foram palco do conflito há mais de 17 anos, Piratini, Herval, Quaraí, Santana do Livramento, Alegrete e Rosário do Sul.

#### 4. Imaginário farroupilha?

O repórter Nilson Mariano e o fotógrafo Carlos Macedo são responsáveis por um especial de sete matérias, publicado entre os dias 13 e 20 de setembro de 2014, na versão online do jornal. São reportagens multimídia típicas do webjornalismo, possuem texto, séries de fotografias e, por vezes, vídeos.

O primeiro texto já pontua, como quem pede permissão aos cânones do jornalismo, a que ameaças esses repórteres estão sujeitos. “Lugares por onde pisaram tanto farrapos republicanos quanto legalistas defensores do Império do Brasil irradiam algum tipo de vibração, o qual induz as pessoas a se sugestionarem com situações que ultrapassam a fronteira do real” (MARIANO, 2014a). A série de matérias especiais começa com uma espécie de introdução, da qual faz parte esta explicação. É um texto típico da escola do jornalismo literário, com vocabulário não usual e frases bem construídas, que explica o tom da aventura a que a reportagem convida. Ainda assim, vigilante da ponderação racional e da objetividade que lhe é imposta, o jornalista alerta: “Cabe esclarecer que [essas narrativas de aparições, magias, sustos e maldições] são apenas lendas, nada mais” (MARIANO, 2014a).

O eu lírico desta reportagem, entretanto, não deixa de se render ao encantamento – nem que seja como estratégia textual: “Quem já entrou no casarão que pertenceu a Bento Manuel Ribeiro (o general que combateu por farroupilhas e imperiais, trocando de lado), lá na cidade do Alegrete, admite: é impossível não sentir um arrepio, por mais leve que seja, percorrer a espinha”. (MARIANO, 2014a).

Por motivos de espaço disponível neste artigo, apresentaremos a seguir as imagens seguidas de uma breve explicação de cada uma das lendas retratadas para logo em seguida trazer uma breve análise de seu conjunto:

---

<sup>9</sup> Ver *Histórico do Acampamento Farroupilha*, publicado pela Prefeitura de Porto Alegre. Disponível em <http://bit.ly/POAFarroupilha>.

FIGURA 1: Lagoa da Corneta



Foto: Carlos Macedo/Agência RBS, 2014a

Moradores de Rosário do Sul dizem escutar frequentemente o toque do clarim de um corneteiro morto durante um confronto na Guerra dos Farrapos. O fantasma, companheiro, tocava também para alertar quando crianças correm perigo de afogamento.

FIGURA 2: Antigo Palácio da República Rio-Grandense, em Piratini.



Fonte: Carlos Macedo/Agência RBS, 2014b

Em Piratini, município que abrigou a sede do governo da República Rio-Grandense na época do confronto, visitantes afirmam sentir-se acompanhados dentro dos prédio históricos. São barulhos de botas na retaguarda, batidas à porta, sussurros dos mais variados.

FIGURA 3: Cidade de Piratini



Fonte: Carlos Macedo/Agência RBS, 2014c.

Ainda em Piratini, a terceira reportagem faz uma angulação mais abrangente das lendas que falam sobre os farrapos e que “[...] oscilam entre a maldição e o encantamento” (MARIANO, 2014c). São narrativas sobre um padre contrário aos farrapos que rogou uma praga contra a prosperidade da cidade, a estátua de um cão que ganha vida à noite, um demônio que afunda barcos, uma noiva suicida que reaparece na praça.

FIGURA 4: Cerro do Jarau



Fonte: Carlos Macedo/Agência RBS, 2014d.

Uma das mais famosas lendas do Rio Grande do Sul conta a história da Salamanca do Jarau. A história fala sobre o carbúnculo, um lagarto com cristal na testa escondido numa gruta no Cerro do Jarau, conjunto montanhoso na fronteira do Brasil com o Uruguai, onde se localiza o município de Quaraí. À noite, se transformaria numa princesa moura, por

isso o nome da província espanhola de Salamanca. Quem a encontrasse, ganharia infindáveis tesouros.

FIGURA 5: Herval



Fonte: Fonte: Carlos Macedo/Agência RBS, 2014e.

Em Herval, na fronteira com o Uruguai, existe a lenda de um cavaleiro fantasma que persegue os que se atrasam para voltar para casa. Lá está enterrado o corpo do coronel farrapo Verdum. O túmulo é até hoje cuidado por uma descendente do imperial que o matou. A mulher assume que já se aproveitou da lenda para exigir que os filhos não voltassem muito tarde das festas.

FIGURA 6: Manoel Paoli nas ruas de Alegrete



Fonte: Carlos Macedo/Agência RBS, 2014f.

Somente na penúltima reportagem da série encontramos um personagem na fotografia principal. Muito embora não seja a fonte principal da matéria, é o morador que acompanha os jornalistas na visita ao Centro de Pesquisa e Documentação do Alegrete. Lá

encontram a certidão de óbito do vice-presidente da República Rio-Grandense, Paulino da Fontoura, assassinado num casarão da cidade. É mais uma reportagem sobre fantasmas do passado.

FIGURA 7: Cerro do Topador, em Santana do Livramento



Fonte: Carlos Macedo/Agência RBS, 2014g..

A última reportagem da série é, talvez, a menos representativa. Dizem que os moradores dos arredores do Arroio Sarandi, em Santana do Livramento, escutam frequentemente sons de esporas. Foi nessa região que Bento Gonçalves travou duelo com Onofre Pires por honra, em 1844, após o assassinato do vice-presidente da República no Alegrete. A série de reportagens da Semana Farroupilha de 2014 encerra visitando o local da famosa luta, o Cerro do Torpador, hoje parte de uma propriedade privada rural.

## 5. O manto preto e azul do mistério farrapo

Ao não poder representar imagetivamente o lendário, o fotojornalista Carlos Macedo tomou certas decisões editoriais. Independente das orientações ou reflexões particulares do profissional, cujos detalhes apenas ele poderia esclarecer, pudemos identificar padrões de composição. As fotografias em destaque na série Imaginário Farroupilha, principalmente, mostram uma regularidade em relação (1) ao uso do espaço geográfico, (2) a uma tendência de opção pela antítese e (3) pelo masculino.

Quando descrevemos lendas, retomamos, necessariamente, aspectos vinculados a certa região geograficamente localizável. Quando as lendas viram notícia justamente por sua data comemorativa, sua característica regional pronuncia-se ainda mais destacadamente. A Semana Farroupilha é a lenda local, esta parte constitutiva do imaginário de certa região, que justifica a relevância do assunto. É justamente esta característica física de um cenário

objetificável, em determinado tempo e espaço, que abre uma das possibilidades para seu retrato pelo fotojornalismo. Todas as fotos da série de Zero Hora são fotos de lugares históricos. Mesmo a única fotografia com um personagem em destaque (FIG. 6) dá, em sua legenda original<sup>10</sup>, ênfase ao espaço e não à pessoa.

O conjunto de fotos, como descrito, não somente as em destaque, utiliza-se a maior parte do tempo de retratos da natureza. Para falar de assuntos complicados para um discurso sobre o real, as fotografias se valem de imagens filiadas à da natureza para capturar esse sentido. A natureza que é incontrolável, mas precisa ser respeitada, que é cheia de contrastes mas ainda assim forte e resistente, que protege e também ameaça. A fotografia de elementos naturais tem este duplo potencial de ao mesmo tempo nos deixar olhar para os animais e paisagens e também nos localizar frente ao mundo, seja geográfica seja antropologicamente.

E mais, os locais retratados nos ajudam a tomar a perspectiva experiencial frente à narrativa. Quer dizer, enquanto o texto se vale dos relatos pessoais, muitas aspas, para nos explicar melhor os contextos de certa temática, a foto não pode fazer o mesmo. Por isso, a foto encarna o olhar do transeunte, reproduz sua experiência local. A câmera então visita a lagoa, entra na escola, sobre o cerco, entra no prédio histórico. Somente retratos burocráticos destes ambientes não reproduziriam com força a experiência da reportagem.

Quase todas as fotos da série nos remetem a símbolos ascensionais, como o céu, a montanha, o sol, a luz. Durand explica que os símbolos são uma materialização de esquemas de pensamento, ou seja, também podem representar certos valores como a visão, a correta distinção que discerne o certo do errado, estimulando a antítese. Há várias fotografias em que podemos apontar a presença de fortes elementos contraditórios, como jogos de luz e sombra, dentro e fora, perto e longe. São ferramentas visuais que baseiam seu sentido a partir da experiência da contradição. A narrativa visual se dá na ligação entre estes polos contrários.

Enquanto estes símbolos ascensionais remetem ao transcendental, Durand lembra ainda que eles aparecem “[...] marcados pela preocupação da reconquista de uma potência perdida” (1997, p. 145). Afinal, se há uma ascensão, deve ter havido uma queda. E a reconquista do tônus degradado por esta queda pode se traduzir em busca por poder, pureza ou sublimação da carne. Durand (1997) cita alguns símbolos de ascensão que permitem ao homem percorrer esse trajeto das imagens: são asas, escadas, flechas, tudo que possa levá-

---

<sup>10</sup> “Quando passa pela Rua Vasco Alves, Manoel Paoli do Santos lembra do assassinato histórico” (MARIANO, 2014e).

lo em direção aos céus. Nesse sentido, é especialmente relevante a fotografia do Cerro do Jarau (FIG. 4). Tal qual uma Montanha Sagrada, à qual recorriam os xamãs, ele aponta para o transcende. Quase não há céu nesta figura, as montanhas já cumprem este papel. Toda transcendência acompanha de métodos de distinção e de purificação. Assim, do mesmo modo em que vimos que todo céu pressupõe uma queda, os símbolos de ascensão sempre buscam a antítese. Algo que, entretanto, representa bem a peculiaridade da cobertura de mitos e lendas pelo jornalismo é justamente o tensionamento e a hesitação entre os contrários.

A presença marcada do céu e a utilização de angulações contra *plongée* nos remetem a uma composição fotográfica ascensionista. É onipresente no imaginário farroupilha a imensidão do céu, que abraça todas as histórias e harmoniza com um sereno azul mesmo a história mais tétrica desses mistérios relatados. O único céu diferente em destaque é o céu feminino da Teniaguá, alaranjado, em crepúsculo. O céu que não ilumina e dá luz à ver todos os meandros da história coincide com a única reportagem que não desgasta à exaustão a lenda narrada.

Na incapacidade de comprovar ou refutar o lendário, o recurso imagético da fotografia é mostrar o crepúsculo, que é a hesitação entre dia e noite, entre real e mágico, assim recriando a sensação de mistério. Permanece o mistério do Jarau, o único ambiente retratado que não obedece, também, à paisagem constante quer dos pampas quer das cidades. A paisagem plana, onde o olhar tudo alcança e desvenda – ainda mais em tantas fotos grande-angulares e contra *plongée* –, é desafiada pelo cerro de montanhas, que esconde e preserva suas grutas, suas princesa. A princesa, diga-se, a única lenda que não sussurra, que não se faz presente, antes, se esconde. Frente a tantas fotografias do pampa sob o azul luminoso de um céu sem nuvens<sup>11</sup>, a abundância de imagens noturnas da lenta – ou do mito – Teniaguá: é a imagem do contraditório, da mulher que é terrível e sedutora (BARROS, 2008, p.157-158), tal qual as lendas. Essa imagem desafia a luminosidade do saber, materializada pelo simbólico ascensional nas demais fotografias azuis do *corpus*. O imaginário farroupilha parece também querer fugir desse seu lado mais laranja e menos azul, mais feminino e menos masculino, mas imagético e menos objetivo.

---

<sup>11</sup> Conta-se que o compositor Atahualpa Yupanqui ouviu um gaúcho falar que o pampa é o céu ao contrário. Desde então o bordão veio sendo repetido por diversas criações da cultura regional, inclusive por Jorge Luis Borges.

## Referências bibliográficas

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Sob o nome de real**: Imaginários no jornalismo e no cotidiano. Porto Alegre: Armazém Digital, 2008.

\_\_\_\_\_. O sentido posto em imagem: a comunicação de estratégias contemporâneas de enfrentamento do mundo através da fotografia. **Galáxia**, USP/São Paulo, n. 19, p. 213-225, jul. 2010.

\_\_\_\_\_. O imaginário e a hipostasia da comunicação. **Comunicação, Mídia e Consumo**. ESPM/São Paulo, v. 10, n. 29, p. 13-29, set/dez 2013.

CARVALHO NETO, Paulo de. **Folklore del Paraguay** – sistemática analítica. Asunción: Editorial El Lector, 1997.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2000.

COSTA, Andriolli. Imprensa e imaginário: Cobertura de mito e lenda no jornalismo paraguaio. In: **Vozes e Diálogo**, v. 11, p. 58-69, 2012.

\_\_\_\_\_. **A lenda nas páginas do jornal**: a presença do imaginário no jornalismo a partir da cobertura dos tesouros enterrados no Paraguai. 2013. 132 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2013.

\_\_\_\_\_. Por que as notícias de mito e lenda são como são?. In: **XII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación - ALAIC**, 2014, LIMA, Peru. XII Congresso de la Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación - ALAIC, 2014.

DE CARLI, Anelise Angeli; BARROS, Ana Taís Martins Portanova. Imaginário: uma contribuição teórico-metodológica para os estudos de jornalismo. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS/Caxias do Sul, v. 14, n. 27, p. 17-30, jan./jul. 2015.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 14<sup>a</sup> ed. São Paulo: Papirus, 2012.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Lisboa, Edições 70, 1995.

\_\_\_\_\_. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. São Paulo, Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: Difel, 1998.

FRIAS, Lena. Mídia e folclore - uma relação de conflito. In: FERRETTI, Mundicarmo (Org.). Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore. Recife: Comissão Nacional de Folclore; São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2004. p. 66-72.

MEDINA, Cremilda (Org.) **Novo pacto da ciência** - A crise dos paradigmas. 1º Seminário transdisciplinar - Anais. São Paulo: ECA/USP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Notícias do fantástico**: Jogos de linguagem na comunicação jornalística. São Leopoldo:Unisinos, 2006.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.



SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: A social history of American newspapers*. New York: Basic Books, 1978.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

TUÑÓN, Amparo. El acontecimiento cultural y la construcción de mitos. In: **Anàlisi** – Quaderns de Comunicació i Cultura. n.13, 1990. p.27-41. Disponível em: <http://ddd.uab.cat/pub/analisi/02112175n13p27.pdf> Acesso em: 18 jan. 2016.

### Material de Análise

MARIANO, Nilson. Conheça a lenda da Lagoa da Corneta, na pacata Vila Carmelo, Zero Hora, 13/09/2014a, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/09/conheca-a-lenda-da-lagoa-da-corneta-na-pacata-vila-carmelo-4597861.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.

MARIANO, Nilson. Os vultos que guardam o palácio de Bento Gonçalves em Piratini. Zero Hora, 15/09/2014b, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/09/os-vultos-que-guardam-o-palacio-de-bento-goncalves-em-piratini-4598239.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.

MARIANO, Nilson. As lendas que Piratini herdou da Revolução Farroupilha. Zero Hora, 16/09/2014c, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/09/as-lendas-que-piratini-herdou-da-revolucao-farroupilha-4598803.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.

MARIANO, Nilson. Em busca da princesa moura no Cerro do Jarau. Zero Hora, 16/09/2014d, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/09/em-busca-da-princesa-moura-no-cerro-do-jarau-4599573.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.

MARIANO, Nilson. Em Herval, o cavalo branco do coronel farrapo. Zero Hora, 16/09/2014e, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/09/em-herval-o-cavalo-branco-do-coronel-farrapo-4600355.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.

MARIANO, Nilson. Uma esquina que guarda o misticismo da Guerra dos Farrapos em Alegrete. Zero Hora, 16/09/2014f, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/09/uma-esquina-que-guarda-o-misticismo-da-guerra-dos-farrapos-em-alegrete-4601214.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.

MARIANO, Nilson. Os murmúrios do Arroio Sarandi, onde Bento Gonçalves duelou com Onofre Pires por honra. Zero Hora, 16/09/2014g, Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2014/09/os-murmurios-do-arroio-sarandi-onde-bento-goncalves-duelou-com-onofre-pires-por-honra-4602748.html>. Acesso em: 18 jan. 2016.